RESPONSABILIDADE SOCIAL

ONG oferece cursos e acolhimento para mulheres

Em cinco anos de funcionamento, Grupo Marias, na Restinga, impactou a vida de 450 mulheres

Sofia Paiva
sofiap@jcrs.com.br

GRUPO MARIAS/DIVULGAÇÃO/JC



Em cinco anos de funcionamento, a ONG já impactou 450 mulheres da região do Extremo-Sul da Capital

Em 2014, depois de 24 anos de relacionamento, Rosana Kasper, professora em Viamão, foi vítima de violência doméstica pelas mãos do seu companheiro. Os acontecimentos daquele dia transformariam não apenas a história dela, mas de centenas de outras mulheres que teriam suas vidas impactadas pelo Grupo Marias, ONG de apoio e desenvolvimento feminino, fundada por Rosana em 2021.

A organização fica na Restinga, no Extremo-Sul de Porto Alegre. Bairro mais populoso da Capital, lidera os registros de crimes contra mulher, sendo o primeiro em estupro, ameaça, lesão corporal, violência psicológica e descumprimento de medida protetiva, conforme levantamento da primeira edição do boletim Mapeando as Violências de Porto Alegre, vinculado à Secretaria Municipal Geral de Governo da Capital. Em cinco anos de atuação, o Grupo Marias já amparou mais de 450 mulheres da região e impactou cerca de 3,5 mil realidades, considerando familiares e comunidade das vítimas.

Após a violência sofrida, Rosana se separou de seu agressor e ficou sem o amparo que sentia ser necessário. Como professora, atuava em um colégio municipal de Viamão e, com o passar dos anos, foi observando como a violência dentro do lar afeta também os jovens.

"Em 2018, uma questão nos impactou, quando tivemos oito alunos que tentaram suicídio ou automutilação na escola. Em 2019, com as professoras de Português, fizemos um concurso de poesias. A maior parte abordava a violência dentro de casa. O assunto estava na minha frente!", conta.

Em 2020, no auge da pandemia e do aumento de casos de violência contra mulher, Rosana foi convidada para atuar na Secretaria de Assistência Social de Viamão. "Eu iria implantar um projeto para mulheres em Itapuã, mas houve mudanças políticas. Além disso, muitas mães entravam em contato com as professoras pedindo apoio porque os serviços estavam fechados", destaca Rosana.

Assim, em 2021, um grupo de voluntários se reuniu e começou a acolher mulheres vítimas de violência doméstica. Hoje, a organização, que é regularizada pela prefeitura e declarada como instituição de utilidade pública, oferece cursos como culinária, crochê, artesanato, costura e arteterapia, além de apoio social, psicológico e jurídico com profissionais das áreas. A finalidade é reestruturar a autoestima e independência das mulheres, criando oportunidades de renda.

No Brasil, a violência patrimonial é reconhecida pela Lei Maria da Penha como uma das formas de violência doméstica e familiar. Para enfrentar o problema, o Grupo Marias se organiza para receber, acolher vítimas e oferecer oportunidades de emancipação para que as mulheres não sejam mais reféns financeiramente dos seus abusadores.

Por meio das atividades das oficinas, 15 mulheres se profissionalizaram no artesanato e hoje possuem carteiras de artesãs pela FGTAS. Outras, estimuladas pelas iniciativas, voltaram a estudar: três se formaram como técnicas em enfermagem e uma como corretora de imóveis. Dez se tornaram cuidadoras de idosos e recreacionistas.

O Grupo também possui uma cozinha solidária que distribui almoço a 100 mulheres da Restinga todas as segundas e sextas-feiras. "Por ela, mais mulheres em situação de vulnerabilidade chegam. Conversando com a assistente social, mostram que passaram por situações de violência, então, a gente convida elas para participar do Grupo Marias", salienta Rosana.

A ONG integra a Rede Conta Comigo, iniciativa da Secretaria Municipal da Inclusão e Desenvolvimento Humano. Por meio da articulação de órgãos públicos, instituições de Justiça e organizações da sociedade civil, busca prevenir e enfrentar a violência contra a mulher. O objetivo é facilitar o acesso a serviços de acolhimento, orientação jurídica, assistência social e apoio psicológico.

O maior desafio do Grupo é financeiro. "A meta é buscar apoio financeiro com patrocínios e parcerias com empresas privadas".

Restinga pede delegacia especializada

As Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs) são unidades da Polícia Civil voltadas à prevenção, apuração, investigação e enquadramento legal de crimes de violência doméstica, familiar e de gênero contra as mulheres. Encaminham pedidos de medidas protetivas de urgência ao Poder Judiciário, instauram inquéritos policiais, realizam diligências e apuram denúncias contra os agressores. Atuam, ainda, em articulação com redes de proteção, abrigos e Centros de Referência de Atendimento à Mulher.

Na Capital, há duas unidades: uma no bairro Azenha e outra no Morro Santana. Via transporte público, o deslocamento a partir da Restinga até uma delas pode levar mais de uma hora. É importante salientar, no entanto, que denúncias de violência contra a mulher podem ser feitas em qualquer delegacia.

"A reivindicação por uma Delegacia da Mulher na Restinga nasce de uma necessidade concreta para facilitar o acesso às mulheres do Extremo-Sul. Quando o atendimento especializado está distante do seu território, cada obstáculo pode se transformar em mais uma barreira entre essa mulher e a possibilidade de ele romper o ciclo da violência. Muitas vezes, é tempo suficiente para desistir da denúncia", destaca Rosana Kasper, presidente e fundadora do Grupo Marias.

Desde junho deste ano, houve três mobilizações no bairro, reunindo até 500 mulheres, para pressionar e articular a criação de uma Delegacia Especializada na região. Ainda não houve uma resposta por parte do Ministério Público para a demanda.

A necessidade de uma DEAM aparece também no grande fluxo de mulheres que demandam atendimento. A Patrulha Maria da Penha, que atua na Restinga, mantém contato direto com o Grupo. "A Patrulha tem que visitar todas as mulheres do Extremo-Sul com medida protetiva. Hoje, são cerca de 525 no registro. Então, de acordo com o perfil e pela proximidade, eles encaminham para o Grupo Marias. A gente recebe mulheres encaminhadas direto pela Patrulha", comenta Rosana.

Nova fase da vida

Há quatro anos, Tatiana Guedes descobriu um câncer agressivo e raro. "Precisei fazer duas quimioterapias diferentes, simultaneamente", relembra.

Na ocasião, foi abandonada pelo companheiro. "Ele simplesmente olhouW para mim quando eu contei sobre a doença e falou que trabalhava e não tinha como me cuidar", relembra.

Em 2023, durante seu tratamento, Tatiana viu na rede social um convite para um chá da tarde no Grupo Marias. Ela foi e teve sua trajetória modificada. A partir daquele dia, começou a participar das oficinas e rodas de conversa. Passou a enxergar a própria rotina nas histórias de outras mulheres e a perceber as violências que encarava.

Após uma situação envolvendo seu filho, decidiu que a relação amorosa que mantinha não lhe cabia mais.

"Mulheres se curam em roda. Esta é a proposta do Grupo Marias e da minha vida. Mulheres se curam."

Hoje, Tatiana é estudante de Biomedicina, trabalha com estética e dá aula de reiki. Na ONG, é voluntária há três anos e atual diretora financeira. E finaliza seu tratamento de saúde no próximo ano.